

DEIXA ESTAR

Sandro Ka



DEIXA ESTAR

Sandro Ka

Curadoria Bianca Knaak

Porto Alegre
Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul
2013



A Caixa dos Desejos II, 2013. Porcelana e plástico, 14x13x7,5cm.

DEIXA ESTAR DEIXA O MUSEU SER MUSEU

André Venzon

Diretor do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul – MACRS

O Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul – MACRS, tem a honra de apresentar o catálogo da exposição *Deixa Estar*, do artista Sandro Ka, realizada entre julho e agosto de 2013, com curadoria de Bianca Knaak, na galeria Sotero Cosme do MACRS, na Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre/RS, Brasil.

A habilidade de Sandro Ka está na apropriação de determinadas classes de objetos, como a ampla imaginária religiosa em gesso que manipula, assim como reproduções baratas de figuras clássicas que são astuciosamente combinadas pelo artista, com singelos brinquedos de plástico ou borracha, gerando formas híbridas que povoam o mundo de imagens de Sandro.

Sua produção artística é própria de uma diversidade rara, onde objetos misturados se tornarão, rapidamente, os mais autênticos representantes do que já podemos entender como uma arte *contemporânea popular brasileira*. Portanto, é necessário que se apresente, antes de tudo, a obra de Sandro Ka como titular de uma nova e legítima geração de artistas brasileiros.

A filosofia da infância que perpassa todas suas criações, revestindo o lúdico de sagrado, expõe as relações complexas entre objetos de um mundo de miniaturas onde o brinquedo é a sua referência primordial, com a estatuária clássica e religiosa, encantando nosso olhar com casamentos visuais e conceituais entre formas e personalidades tão díspares. Assim, a galeria do museu se torna um misto de *quarto de brinquedos e altar*. Na qual a vontade de brincar com estes objetos, é um convite ao público para devotar um olhar atento a estes trabalhos. E assim, sua obra re-significa objetos que experimentamos outrora, ou aqueles que não ousamos transgredir enquanto imagens sacras da história e da arte.

Ora o autor regride a imagem do ícone religioso ao fragmento sacro, como no vídeo *Relíquias*, de 2005/2013, ora sobrepõe a personagem maléfica da fantasia infantil à imagem da santa milagreira, no desenho *Mãe/Madrasta*, de 2006. Nestes trabalho trata, cuidadosamente, das imagens não se intimidando a mudar suas fisionomias. Iconoclasta? Não, o artista faz com que nos amiguemos as suas formas em postura de adoração.

- 04 Na série de composições escultóricas, o que era brinquedo em balaios da nossa casa, agora é virado e transfigurado em novos seres. Associar e dissociar as imagens, como se pudéssemos nos travestir de Cristo ou de veado, a exemplo da obra *Imagem e Semelhança*, de 2013, leva-nos a pensar sobre os versos daquela música *Somos quem podemos ser/Sonhos que podemos ter*, da banda *Engenheiros do Hawaii*.

As obras que pertencem ao acervo do MACRS são exemplares destas situações em que a disposição das figuras, compõe uma cena sempre intitulada, que desperta uma incessante narrativa visual para o público instigado a interpretar seus sentidos. Como um *Noé* contemporâneo, Sandro Ka *deixa estar* em sua *arca* novas formas de ser para um futuro da arte e do nosso modo de percebê-la. Diante de suas inusitadas criações somos todos, crianças, adultos e idosos, sempre e mais convidados a olhar, pensar e falar sobre arte.

Sandro propõe um passeio das imagens destes seres do novo século. Não é à toa que suas obras vêm sempre dispostas como num andor, ou em altares e barcos, banheiras ou eixos simétricos. Pois, há uma intenção evidente de valorizá-las assim. Veados sobre porta-jóias, ou sob o olhar “superior” de Jesus, *lemanjás navegantes* em barcos de brinquedo, bustos mascarados sobre pedestais, *Afrodites* em conchas de saboneteiras ou *Vênus banhistas*, para citar alguns personagens, são o tributo sincero e generoso deste artista, fielmente engajado no culto à arte e à vida, que nos ensina a venerar com imenso respeito e admiração nossas próprias referências estéticas, artísticas e culturais.

Agradecemos ao artista Sandro Ka e a curadora Bianca Knaak que possibilitaram também o encontro poético das suas criações com importantes obras de *Alfredo Nicolaiewsky, Daniel Escobar, Elaine Tedesco, Fernando Lindote, Fernando Zago, Léon Ferrari, Lia Menna Barreto, Milton Kurtz, Tatiana Pinto, Téli Waldraff, Tridente* e *Walmor Corrêa*, todas do acervo do MACRS, que ganharam destaque por meio do olhar crítico e dedicado desta curadoria. E sobretudo, agradecemos ao projeto expositivo *Deixa Estar* por valorizar e compartilhar com o grande público representativas obras da coleção do nosso Museu.





Nossa Senhora do Relax, 2007. Gesso e plástico, 27x16x10cm.

DEIXA ESTAR

Bianca Knaak
curadora

Revisando os trabalhos de Sandro Ka (Porto Alegre, 1981), os quais devo aqui apresentar, convidei minha filha de seis anos para apreciá-los comigo, na tela do computador. A cada imagem ela disparava um breve, quase instantâneo parecer. Ela sabia que eram imagens de obras de um artista conhecido meu, por acaso ex-aluno, e isso a motivava a comentá-los com a propriedade e a responsabilidade que, apesar da inocência, assumia ares institucionais.

Sandro trabalha com brinquedos e imagens populares, algumas religiosas, outras artísticas, ícones da cultura ocidental, multiplicados e banalizados em cerâmica, gesso, plástico, resina e borracha, formando conjuntos de colorido agridoce. Isso facilitou o repertório e o vocabulário a ser empregado nos comentários. Mesmo assim me chamou a atenção à desenvoltura de Luísa em suas interpretações, à acuidade das observações e ao fato de que em momento algum ela me perguntou sobre a origem das imagens, ou as razões de Sandro Ka para gerá-las. A certa altura, logo que apareceu na tela um trio de cabeças femininas (a cabeça de *Nefertite* em gesso branco, ladeada por duas cabeças de bonecas para maquiagem) ela exclamou:

- *Duas meninas ao lado da rainha, como é mesmo o nome?*
- *Nefertite* - respondi, orgulhosa de sua boa memória visual.
- *Isso, essa mesmo! E duas bonecas gêmeas. Mas são bem diferentes da Nefertite...*
- *Por quê?* - fui obrigada a perguntar.
- *É só olhar! Olha o colar da Nefertite e das gêmeas, olha o que tem na cabeça de uma e na cabeça das outras.*
- *Humm* - demonstrei espanto e ela, então, continuou:
- *Os brinquedos não gostaram de ser cortados. E olha só as orelhas!*
- *As orelhas?* - agora sim, realmente surpreendida, me aproximei da imagem para observá-la melhor - *Ah é... As da princesa egípcia parecem maiores... Mais brancas?*
- *Pois é - ela confirmou, intrigada.* E séria, acompanhado meu interesse, completou:
- *Mãe, tu sabias que o Egito fica na África?*

- 08 Terminou assim nossa conversa sobre *Só no Carão*, obra de 2007. Entendi ali, naquela vista mediada por um olhar disponível e sem amarras, que “o melhor mesmo é ver as obras do Sandro com o espírito aberto, tentando deixar o nosso lado criança se divertir e, ao mesmo tempo, nosso lado adulto refletir” (NICOLAIEWSKY, 2008). Relato tudo isso porque aquele momento foi revelador para mim do quão difícil, e enriquecedor, pode ser conversar sobre arte contemporânea fora de seus circuitos de formação e consagração. E isso me encheu de ideias!

ARTE É

Enquanto no meio artístico, para os jovens e para muitos especialistas, já não faz mais nenhum sentido indagar sobre o que pode ser ou o que não pode ser arte no mundo contemporâneo, para outros tantos, a pergunta “isso é arte?” ainda perturba. É que a ideia que temos de arte advém, usualmente, da ideia que construímos com a história da arte ao longo do tempo. E também porque nossas convicções éticas e estéticas foram fundadas numa ideia de valor universal e atemporal que no “espelho da arte contemporânea” se revela fragmentária, parcialmente presente em múltiplas manifestações e distintos conceitos, dificultando e questionando a necessidade de um consenso e de um acordo sobre o que vem a ser arte.

A arte é o exercício experimental da liberdade, afirmava o crítico de arte brasileiro Mario Pedrosa (1900-1981) já em meados do século passado. E, se a diversidade dos modos de ser, representar e estar no mundo é muito maior do que supõe a globalização econômica ou os vários e diários exemplos que a mídia nos oferece, como, então, a arte poderia responder a parâmetros universais? Assim, caro leitor, responder sobre o que é arte pode tornar-se uma tarefa tortuosa, e a própria pergunta pode ser considerada impertinente.

O fascínio pela racionalização da experiência estética, simbólica e artística nos levou a entender que a arte emerge da capacidade e da necessidade de produção simbólica do homem, mas sua expressão cultural afirmativa e constitutiva de sentido, portanto de conhecimento (e *commodities*), é histórica e social. E, como já disse Ernest Gombrich (1909-2001), historiador da arte nascido em Viena, não existe arte com A maiúsculo, existem somente os artistas. Então, tanto quanto a ciência avança com o trabalho dos cientistas, arte é o que os artistas fazem. Assim, em cada lugar, a arte assume fisionomia própria de seus artistas. E, socialmente, a racionalidade humana sempre encontra motivações para definir, redefinir, contemplar e demandar arte a partir de suas imagens, sejam estas de produção coletiva ou subjetiva.

Olhando para o mundo atual, a pergunta que talvez coubesse fazer seria: por que os artistas fazem arte? Ou, por que os artistas fazem a arte que fazem?

Na sociedade do espetáculo, depurada com o desenvolvimento da indústria cultural, as relações sociais entre pessoas são mediadas por imagens, como observou Guy Debord (1931-1994). Imagens que, sob os efeitos psico-estéticos (a ilusão, a fantasia, o *glamour*, etc.), tornam-se substitutas valorativas de outras representações e subjetividades. São projeções de ausências, de algo que não pode ser confinado a sua representação formal, digamos assim, num território de trocas simbólicas onde tudo é imagem. A publicidade sabe muito bem trabalhar as imagens para se relacionar com a sociedade do espetáculo. E é nesta sociedade, que produz e consome aparências para distribuição massiva e midiática, que todos nós encontraríamos, um dia, os quinze minutos de fama previstos pelo artista pop americano Andy Warhol (1928-1987) ainda nos anos 1960.

O QUE OS ARTISTAS FAZEM

Hoje, a distinção entre imagens do mundo cotidiano, imagens publicitárias e imagens do mundo artístico é quase impossível. Mas em arte, as menções ao banal, ao corriqueiro e popular, estão presentes com imagens, procedimentos e meios desde as inclusões plástico-poéticas das vanguardas modernas. E alta e baixa cultura, arte popular e arte erudita já não são categorias tão antagônicas depois do advento da indústria cultural, dos meios de comunicação de massa e dos movimentos pelos direitos de representação social e política das minorias marginalizadas, por exemplo.

Tais imbricações e aproximações podem ser entendidas como formas simbólicas de desvelar modos complexos de sentir e viver. Elas geram imagens e conceitos que nos emprestam fantasias que servem tanto para produção artística quanto para interpretações e recriações estéticas do mundo. Nos mais diferentes aspectos no mundo, nos mais variados roteiros na arte.



O Combate, 2007
Gesso, plástico e mdf
60x55x22cm



O Banho de Vênus, 2007
Gesso e plástico
27x16x16cm
Acervo Pinacoteca Municipal
Aldo Locatelli (PMPA)



Graça, 2006
Desenho
94cm x 63cm

Anunciação ou
Mulher solteira grávida, 2006
Desenho
85,5cm x 58,5cm
Coleção Particular

Num mundo globalizado e conectado à internet, acelerado e repleto de imagens de toda ordem, sem hierarquias estáveis e distinções categóricas entre “imagens da arte” e “imagens do mundo”, paradoxal e sintomaticamente, estaríamos então fadados ao desinteresse ou ao superinteresse pela arte? Ou viveríamos a iminência de ambas as circunstâncias?

Ao investigar artistas que recorrem, assim como Sandro, à citação ou à apropriação de objetos industrializados para sustentar suas criações, como León Ferrari (1920-2013), Liliana Porter (1941) e Jeff Koons (1955), por exemplo, entendemos como as reconversões simbólicas engendradas pela indústria cultural, aliadas à força invocativa das imagens artísticas, repercutem na subjetivação coletiva das sociedades. Inicialmente porque invocam elementos presentes num imaginário popular e popularizado com a expansão da produção capitalista de mercadorias e pelos sistemas de comunicação e consumo. Depois, apropriando-se desse repertório comum, esses artistas acabam por colocar “dobradiças” na arte, como bem articula o crítico paulista Tadeu Chiarelli (1956), e se afirmam “agindo mais *no* mundo e *com* o mundo do que propriamente *sobre* o mundo”.

Mãe/Madrasta, 2006
Desenho
89,2cm x 56,5cm
Coleção Particular

Alice, 2013
Desenho
86x58cm
Coleção Particular



Essas reconversões, re-significações, num ecletismo ao qual se fundem as referências visuais urbanas, também ajudam a construir sentidos e modos de ser e estar consigo e com o outro. Geram processos que demandam atuações e indexações psicossociais que, mais do que isolar indivíduos e experiências estéticas em categorias, embaralham a miríade de referências disponíveis no mundo atual. E a arte contemporânea, propriamente dita, opera no contexto pós-indústria cultural, assim como também o seu sistema de legitimação se estabelece com esse *know-how* rizomático.

Numa engrenagem sócio-econômica e espetacular, que tudo capitaliza e consome, por vezes poderemos nos sentir socialmente manipulados a partir de nossos valores e crenças como brinquedos à mercê de um jogador sem limites. De repente, podemos nos sentir como brinquedos que “não gostaram de ser cortados”.

Esse sentimento é legítimo quando se reconhece que a mesma produção e distribuição massiva de informação, mercadorias e imagens que aproxima indivíduos e culturas globalmente pelo consumo, também estabelece novos códigos de acesso e distinção social pelo consumo. Trata-se do consumo

- 12 conspícuo. Consumo que hierarquiza, discrimina e segrega. Consumo de “coisas”, mas também de sonhos, de identidades, de *glamour*, de fantasia.

Mas de repente descobrir-se imerso numa cultura de consumo e compreender o mundo contemporâneo é suficiente para compreender a produção dos artistas contemporâneos?

Os artistas costumam ser bons na codificação e instauração de novas realidades, e também para a desnaturalização de circunstâncias e idiossincrasias. É o caso de Sandro que, além de artista, é também ativista social. Não que seu trabalho esteja formalmente atrelado a essa militância. Não está e nem precisa estar. Mas, aos poucos, por meios sutis e quase subliminares, em alguns de seus trabalhos o próprio artista reconhece algo que se configura plasticamente em favor dos direitos humanos e dos direitos sexuais, questões às quais se dedica a promover e defender politicamente. Ele mesmo observa esse enlace, principalmente quando, ao conceber seu trabalho, “lança mão de objetos do universo pop e doméstico para abordar questões de sexualidade, identidade e diferenciação” (FIDELIS, 2012).

O artista é um cidadão. Seu trabalho é, então, nesse encontro político, o trabalho de um artista contemporâneo também de seu tempo social. Emerge, num processo recíproco, o cidadão-artista, o artista-cidadão. É preciso separar?

O ARTISTA E A (PRÓPRIA) ÇÃO ASSUMIDA

Ao contextualizarmos o trabalho de Sandro Ka, no Brasil, desde as figurações dos anos 1960 e 1970 até os dias atuais, muitos nomes podem ser invocados pelo emprego de objetos e imagens que transitam entre alta e baixa cultura, entre o procedimento artesanal e o produto industrializado. E, nos anos 1990, esse acento operacional vai se destacar principalmente nos trabalhos de artistas jovens como Monica Nador (1955), Leda Catunda (1961), Jac Leirner (1961), Lia Menna Barreto (1959) e Téli Waldraff (1959), por exemplo.

No entanto, a lembrança mais premente na manipulação desse manancial pós-industrial sugerido pela assunção de uma cultura de consumo, pelo mercado de bens simbólicos e culturais, é o artista e professor paulistano Nelson Leirner (1932). Seus primeiros objetos apropriados, os chamados Múltiplos, datam de 1970, aproximadamente. De lá prá cá, seu repertório material está cada vez mais próximo das lojas de artigos populares e de importados de baixo custo, tais como mapas-múndi, estátuas votivas e deidades variadas, santas-ceias, “monalisas” magnéticas, bonecos de pelúcia e outros que tais.

É justamente nesse cenário nacional local-internacional, recente e incluyente, que começou o trabalho artístico de Sandro, ainda no início dos anos 2000. Inspirado pelos pós-modernismos em voga nos anos 1980 e 1990, que se valiam da citação, da apropriação, da paródia, do pastiche, do simulacro e, na literatura da meta-ficção historiográfica, Sandro, que já era desenhista e ilustrador, se deixa seduzir pelo objeto ao ingressar na universidade. Pelo objeto banal. Pronto e acabado. De manufatura anônima e anódina. Não um *ready-made*, duchampiano, conceitual. Mas um herdeiro degenerado, retiniano e fetichizado. Um objeto-mercadoria. De produção e distribuição massiva e com valor cultural agregado. Com estes, o gesto invisível do artista aparece ao singularizar esse objeto, compondo e composto em uma cena. O jovem artista então

(...) apropria-se de objetos produzidos em massa, os resgata em feiras, bazares, lojas e casas de comércio popular. Tem por estes objetos uma extrema devoção não religiosa e uma reverência constante, nada hierárquica. Os contempla, os escolhe e lhes proporciona a possibilidade de outras narrativas. Agrega a eles diferentes histórias e memórias, além de um novo sentido para aquilo que nos pareceu até então, inabilitado para o diálogo (DE CARLI, 2009).

Sandro seleciona seus objetos e, como num jogo, cria armadilhas para a construção de sentidos. Arma uma situação de interesse interpretativo, por assim dizer, a partir da reunião, do encontro entre objetos aparentemente tão desiguais em seus referenciais culturais e simbólicos. Seus objetos são agrupados e reconfigurados, num trabalho que ao final “não deixa rastros”, segundo o próprio artista, como se sua fatura excluísse qualquer procedimento manual, de planejamento ou de composição conceitual e volumétrica. Então, a partir de suas cenas compostas, “a ironia que o objeto passa a carregar abala qualquer fé, seja religiosa ou no cunho estético de uma arte pensada dentro de um contexto platônico do belo e do bom” (STAHL, 2008). Seu trabalho não é normativo, não é dogmático. Mas ao mesmo tempo não escapa aos trâmites dessa visibilidade canônica, dessa institucionalização de subjetividades classificáveis. Mesmo quando, como no vídeo *Relíquias*, de 2005/2013, ele reconhece o vazio que preenche esses circuitos imagéticos.

Sandro justapõe brinquedos, bibelôs e estátuas votivas. Em encontros poéticos, faz emergir dessas apropriações narrativas sobre a sistematização cultural pró-ativa da inocência lúdica que permeia a fé, a infância e a criação artística. “Altars de insignificâncias, reverência para banalidades. [...] Brincar de juntar coisquinhas vira uma grande ousadia, numa estratégia contemporânea de amarrar simultaneidades e múltiplas interpretações” (SANTOS, 2010). Não há, no entanto, um conteúdo programático a ser alcançado. Apesar das insinuações, deixadas em aberto para o observador.



Relíquias, 2005/2013
 Vídeo, 01'05"

O tratamento igualmente reverencial que o artista dispensa tanto aos brinquedos quanto aos bibelôs, réplicas de ícones da arte ocidental ou imagens religiosas é o que num só golpe nos provoca e suspende o riso. Pois em cada cena, o conjunto gentilmente arranjado nivela objetos de cultos díspares. Pelo inusitado, essa *assemblage* nos interpela contrastando nossos conceitos em relação ao significado cultural de cada objeto, ao redimensioná-los e unificá-los sob uma nova e mesma escala valorativa.

A perturbação provocada por essa operação artística não seria tão grande se não fossem as peças, os objetos que compõem cada obra, selecionados por suas propriedades plásticas, apelando (só para desafiar e desestabilizar) para um já arraigado consenso sobre valor estético relacionado à materialidade da obra, em especial a suas qualidades formais e cromáticas.

Ou seja: ainda que os observadores não se importem com definições sobre o que é arte, a maioria das pessoas tem expectativas sobre o que deve ser importante num objeto de arte. Assim, no trabalho de Sandro, "as qualidades estéticas dos objetos são um componente importante no engajamento das sensibilidades das pessoas. [...] Forma, textura, cor, peso, etc., têm de corresponder, de alguma forma, às aspirações e crenças estéticas das pessoas." (RICKLI, 2012). Sendo o trabalho de um artista, ainda que não se enquadre nos gêneros tradicionais das Belas Artes, esses valores costumam ser invocados pelo público em geral para a apreciação dos trabalhos. Havendo empatia, localizar estes valores plásticos, como vestígio de um fazer manual, aliado ao reconhecimento dos objetos como algo que lhes é familiar, pode ser o começo de uma infinita leitura das imagens.

É curioso notar que apesar dos milhares de anos que separam a pintura nas cavernas de Lascaux e a arte contemporânea, a observação de imagens produzidas pelo homem, sob qualquer técnica ou suporte, ainda guarde em si um desejo de encantamento através do olhar.

ATIVACÃO INSTITUCIONAL: O MUSEU EM EXPOSIÇÃO

Reunindo trabalhos recentes e destaques de sua produção pregressa, momentos-chave da pesquisa de Sandro Ka podem ser contemplados no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul. No conjunto da exposição, podemos observar algo da imaginação infantil, certa imaginária religiosa e ícones da história da arte ocidental em convergência nas criações do artista ao longo de aproximadamente dez anos, em diferentes suportes, com ênfase na *assemblage*. Em cenas bi e tridimensionais, desenhos, colagens e um vídeo, desfilam referências explícitas, ora mais, ora menos irônicas aos sistemas de crença que orientam tradições e condutas sociais no mundo ocidental.

Deixa Estar é a primeira exposição de Sandro no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul e apresenta não apenas trabalhos de sua autoria – a maioria recentes – mas também um bom número de obras do próprio MACRS, muitas em exposição pela primeira vez. Obras de Alfredo Nicolaiewsky (1952), Daniel Escobar (1978), Elaine Tedesco (1963), Fernando Lindote (1960), Fernando Zago (1953), Lia Menna Barreto (1959), León Ferrari (1920-2013), Milton Kurtz (1951-1996), Tatiana Pinto (1947), Tėti Waldruff (1959), Tridente (1971) e Walmor Corrêa (1962) foram especialmente selecionadas para essa exposição, numa proposta institucional inovadora.

Planejamento expográfico e abertura da exposição.





Vistas da exposição.

Trata-se de uma forma encontrada para apresentar temporalidades estéticas, diacrônicas e sincrônicas, que lastreiam a formação do artista Sandro Ka, ele mesmo com obras no Acervo do MACRS (além do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli e da Pinacoteca Municipal de Porto Alegre Aldo Locatelli), e destacam, nesse processo, o fundamental papel dos museus de arte através da visibilidade de suas coleções. Seja para a formação do público em geral, seja para a formação de novas gerações de artistas e colecionadores de arte.

A exposição *Deixa Estar*, idealizada para o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, tem suas peculiaridades expográficas afinadas ao *feedback* sistêmico que os trabalhos em exposição suscitam. A começar pelo fato de que a exposição de Sandro abre, literal e fisicamente, uma oportunidade de observação de obras do Acervo do Museu, numa amostra contígua à sua. De forma pioneira na trajetória do MACRS, *Deixa Estar* apresenta nesse pequeno recorte obras que fazem parte de um repertório artístico que, em distintos momentos e de diferentes maneiras, inspiram, influenciam e dialogam com as motivações plásticas do artista convidado.

O objetivo principal dessa montagem, no entanto, é permitir ao público conhecer um pouco mais da cena cultural que estabelece os parâmetros artísticos de certa vertente contemporânea e elaborar, por aproximação e clivagem, as relações possíveis entre os trabalhos ali reunidos de forma inédita. Mas, sobretudo, e sendo obras de artistas colecionados pelo Museu, o conjunto em exposição também pode ser interpretado como “testemunhas a favor de uma ideia do curso da história da arte e da situação da arte” (BELTING, 2006). Antes de tudo, a razão de ser das coleções museais.

Os destaques do Acervo são de vários artistas que de alguma maneira tangenciam, nos trabalhos selecionados, referências ao nosso mundo cotidiano, seduzido por imagens massificadas onde se fundem tradições populares e eruditas. Também é possível ver, com as obras recortadas do Acervo, onde e com quem algumas abordagens encontram ressonâncias na história da arte brasileira. O que, em boa medida, colabora para o amadurecimento do campo artístico e o fortalecimento da função formativa e criativa do museu, pois, como também assinala Hans Belting (1935), historiador da arte alemão, “sem o museu a arte atual estaria não apenas sem pátria, mas sem voz e invisível”.

Por fim, se realmente expor num museu é também expor o museu, como vaticinou o artista francês Daniel Buren (1938), acreditamos que há qualquer coisa na experiência de ver que nos torna mais do que observadores. Por isso, no e com o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul a exposição *Deixa Estar* convida, já a partir de seu título, para um instante de suspensão do ego judicativo e para o exercício compartilhado da diversidade de expressão simbólica. Afinal, histórica e culturalmente a expressão artística é a própria diversidade em exercício contínuo e compartilhado

Referências:

- BELTING, Hans. *O fim da História da Arte: uma revisão dez anos depois*. São Paulo, Cosac Naify, 2006.
- CHIARELLI, Tadeu. *15 Artistas Brasileiros Colocando Dobradiças na Arte Contemporânea*. In: 15 Artistas Brasileiros. Catálogo da exposição. São Paulo, MAM, 1996.
- DE CARLI, Mara. *Sobretudo – algumas relações ordinárias*. Apresentação de exposição Sobretudo – Campos 9, UCS. Caxias do Sul, 2009.
- FIDELIS, Gaudêncio. *Parâmetros de Medida*. Texto de apresentação da exposição A Invenção da Escala, Porto Alegre, MARGS, 2012
- NICOLAIEWSKY, Alfredo. *Encontros Inesperados*. Texto de apresentação de exposição Relações Ordinárias – Paço Municipal. Porto Alegre, 2008.
- RICKLI, João. *The three mysteries*. Crítica do trabalho “Os Três Mistérios”, publicada no blog Creativity and Innovation in a World of Movement CIM:Resource, Amsterdam, 2012. <http://www.open.ac.uk/blogs/cim/?p=142> Acesso em 09 de julho de 2013.
- SANTOS, Carlinhos. *Sobre invenções*. Texto de apresentação da exposição Relações Ordinárias - Centro Municipal de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho. Caxias do Sul, 2010.
- STAHL, Cassiano. *Relações Ordinárias: apropriar, deslocar e fabular*. In: KA, Sandro. Relações Ordinárias: livro-objeto de desejo. Porto Alegre, edição do artista, 2008.

OBRAS

Só na Carão!, 2007
Gesso, plástico e borracha
19x30x12cm



Pensando em Camila, 2009
Gesso e plástico
8,5x10x4cm



Desfile Barroco, 2013
Gesso e plástico
44x15x17cm



Clássicas I (1/2), 2013
Gesso e plástico
33x20x13cm



Clássicas II (1/2), 2013
Gesso e plástico
33x19x13cm

Clássicas III (1/2), 2013
Gesso e plástico
33x19x14cm



Colóquio II, 2013
Gesso e borracha
28x15x9cm



Colóquio I, 2013
Gesso e borracha
15x17x7cm



Yemanjá boat, 2013
Plástico e louça
23x16x31cm

Yemanjá boat, 2013
Plástico e gesso
26,5x15x22cm
Coleção Particular



Miramar, 2013
Plástico e gesso
23x9x9cm



Concílio, 2010
Gesso e plástico
16x24x24cm



Georgemóvel, 2012
Gesso e plástico
24x18x17cm



Sereia, 2011
Gesso e plástico
18x21,5x14cm



Iemanjá da Banheira, 2013
Gesso e plástico
a confirmar

Jurema, 2009
Gesso e plástico
17x18x18cm



A Feia, 2013
Gesso e plástico
39x23x15cm



Ensaio para Vênus, 2010
Borracha e resina
17x16x11cm



Vênus, 2012
Plástico, borracha e porcelana
15x17x10cm
Acervo MACRS

Universo Feminino II, 2009
Plástico
26x21x13cm



Tamanho e Documento, 2012
Porcelana
10x17x5,5cm



Ballet, 2013
Louça e borracha
17x22x10cm

Familia, 2007
Borracha e porcelana
14x30x8cm



Lo que me Mira, 2012
Gesso e borracha
29x8x7cm
Coleção Particular



À espera da boa sorte, 2013
Gesso e plástico
23x30x17cm
Acervo MACRS



O Peso das Coisas, 2012
Gesso e borracha
27x19x18cm



Imagem e Semelhança, 2013
Gesso e borracha
26x17x6cm



O Peso das Coisas, 2012
Gesso e porcelana
15,5x11x18cm
Acervo MARGS



Bênção, 2012
Gesso e plástico
35x10x7cm



ACERVO MACRS

ALFREDO NICOLAIEWSKY

DANIEL ESCOBAR

ELAINE TEDESCO

FERNANDO LINDOTE

FERNANDO ZAGO

LEÓN FERRARI

LIA MENNA BARRETO

MILTON KURTZ

SANDRO KA

TATIANA PINTO

TÉTI WALDRAFF

TRIDENTE

WALMOR CORRÊA



Alfredo Nicolaiewsky
(Porto Alegre/RS, 1952)
Sem título, 1997
Serigrafia 38/50
32x47cm
Doação do artista



Daniel Escobar
(Santo Ângelo/RS, 1982)
The World # 02, 2012
Fotografia P.A.
60 x 90 cm
Doação do artista

Daniel Escobar
(Santo Ângelo/RS, 1982)
The World # 03, 2012
Fotografia P.A.
60 x 90 cm
Doação do artista



Elaine Tedesco
(Porto Alegre/RS, 1963)
Sem título, 2012
Fotografia
79 x 118 cm
Doação do artista



Fernando Lindote
(Santana do Livramento/RS, 1960)
Trindade, 2008
Pintura acrílica sobre tela
120 x100 cm
Doação do artista



Fernando Zago
(Porto Alegre/RS, 1953)
Sem título, s/data
Fotografia
24x30cm
Doação do artista



León Ferrari
(Buenos Aires/Argentina, 1920-2013)
Pasarela, 1981-2003
Heliogravura 4/8
109x153 cm
Doação do artista



Milton Kurtz
(Santa Maria/RS, 1951)
Relações inoxidáveis, 1989
Desenho em técnica mista sobre papel
66 x65 cm
Doação do artista



Lia Menna Barreto Barreto
(Rio de Janeiro/RJ, 1957)
Tartaruga, 1990
Espuma, pêlo sintético, zíper e olhos de vidro
135 x106 cm
Doação do artista



Sandro Ka
(Porto Alegre/RS, 1981)
Hora da Lição, 2008
Gesso e borracha
30x21x12cm
Doação do artista

Sandro Ka
(Porto Alegre/RS, 1981)
Desperto, 2010
Porcelana
12,5x17x12cm
Doação do artista

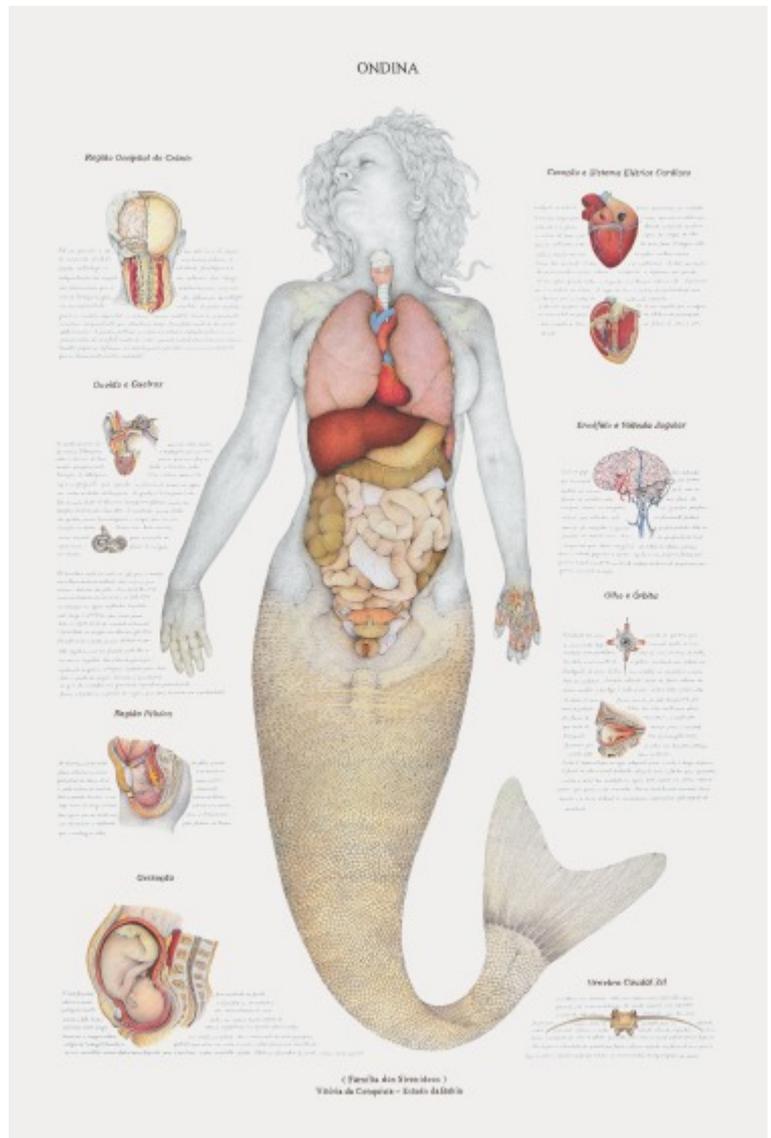
Sandro Ka
(Porto Alegre/RS, 1981)
Rebanho, 2011
Gesso e borracha
22x35x18cm
Doação do artista



Têti Waldraff
(Santa Cruz do Sul/RS, 1959)
Garça florida, 2005
Skate, garça de cimento, cola,
lantejoulas, botões,
flores de seda e flores de plástico
70 x151 x18 cm
Doação do artista

Tatiana Pinto
(Rio de Janeiro/RJ, 1947)
O Circo, 1990
Pintura
120 x 210 cm
Doação de Renato Rosa

Tridente
(Porto Alegre/RS, 1971)
Mutans capitalis, 2012
Toy art
31 cm
Doação de André Venzon



Walmor Corrêa
 (Florianópolis/SC, 1962)
 Atlas de Anatomia – Ondina, 2007-2012
 Impressão digital sobre canvas
 178 x 110 cm
 Doação do artista

Bianca Knaak (Campo Bom/RS, 1968)

Licenciada em Educação Artística (Feevale, 1994), Mestre em História, Teoria e Crítica da Arte (UFRGS, 1997) com dissertação sobre as referências populares e de massa na arte brasileira contemporânea e Doutora em História (UFRGS, 2008), com tese sobre as Bienais do Mercosul. Entre 1999 e 2002, dirigiu o Museu de Arte Contemporânea (MACRS) e o Instituto Estadual de Artes Visuais do Rio Grande do Sul (IEAVi). Membro do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA), é professora e pesquisadora do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IA/UFRGS). Investiga as relações sistêmicas da arte através de curadorias, grandes exposições, projetos museológicos e de institucionalização, bem como as intervenções urbanas e os processos públicos de criação e promoção artística na cidade, com algumas publicações sobre o tema. É também artista, curadora e crítica de arte sazonal e, desde de 2006, integra o Grupo de Pesquisa (CNPq) em História, Teoria e Crítica da Arte e da Imagem, onde explora as manifestações de sentidos e as condições de produção, interpretação e recepção de visualidades, com ênfase nos períodos moderno e contemporâneo. Vive e trabalha em Porto Alegre.

Sandro Ka (Porto Alegre, 1981)

Artista Visual e designer gráfico, mestrando em Poéticas Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/Instituto de Artes/UFRGS e bacharel em Artes Plásticas: Desenho, pela mesma instituição. Desde 2003, participa de exposições entre as quais destacam-se as individuais: *Deixa Estar* (Museu de Arte Contemporânea do RS - MACRS, Porto Alegre, RS, 2013), *Sobretudo* (UCS, Caxias do Sul, RS, 2009) e *Relações Ordinárias* (Paço Municipal, Porto Alegre, RS, 2008/Centro Cultural Ordovás, Caxias do Sul, RS, 2009); e as coletivas: *Entre: Curadoria A-Z* (MACRS, Porto Alegre, RS, 2013), *Cromomuseu* (Museu de Arte do Rio Grande do Sul - MARGS, Porto Alegre, RS, 2013), *O Triunfo do Contemporâneo* (Santander Cultural, Porto Alegre, RS, 2012), *Labirintos da Iconografia* (MARGS, Porto Alegre, RS, 2011), *Pixel: Unidade da Idéia* (SESC, Aracaju, SE, 2009), *18º. Salão da Câmara* (Câmara Municipal, Porto Alegre, RS, 2008), *Salão Jovem Artista* (Porto Alegre, RS, 2006), *VIII Bienal do Recôncavo Baiano* (Centro Cultural Dannemann, São Félix, BA, 2006) e *Pequenos Diálogos* (Museu da UFRGS, Porto Alegre, RS, 2005). Em 2009, recebeu o *Prêmio Açorianos de Artes Plásticas (PMPA)* na categoria Destaque em Textos, Catálogos e Livros Publicados, pelo livro *Relações Ordinárias: Livro-Objeto de desejo*. Possui obras em coleções privadas e nos acervos públicos: *Pinacoteca Aldo Locatelli* (Porto Alegre, RS), *MARGS* (Porto Alegre, RS), *MACRS* (Porto Alegre, RS) e *AMARP – Acervo Municipal de Artes Plásticas de Caxias do Sul* (Caxias do Sul, RS). Vive e trabalha em Porto Alegre.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

GOVERNADOR

Tarso Genro

SECRETÁRIO DE CULTURA

Assis Brasil

SECRETÁRIO ADJUNTO DE CULTURA

Jéferson Assumção

DRETORA DO INSTITUTO ESTADUAL DE ARTES VISUAIS

Vera Pellin

DIRETOR DA CASA DE CULTURA MARIO QUINTANA

Manoel Henrique Paulo

DIRETOR DO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO RS

André Venzon

ADMINISTRAÇÃO

Ana Carolina da Silva Gomes

RESERVA TÉCNICA

Antônio Soares

ESTAGIÁRIOS

Andrews Costa

Diane Sbardelotto

Marcelo Chardosim

Tigo Weiler

ESTAGIÁRIOS VOLUNTÁRIOS

Deisy Formolo - Museologia/UFRGS

Leila Coffy - Artes Visuais/UFRGS

Marjory Fleck Kuhn - Museologia/UFRGS

Mireli Castilhos Oliveira - Museologia/UFRGS

COMITÊ DE ACERVO E CURADORIA

Bernardo José de Souza

Eduardo Veras

Paula Ramos

Paulo Gomes

Vera Chaves Barcellos

Walter Karwatzki

CONSELHO CONSULTIVO

Bernardo José de Souza

Daniel Skowronsky

Daniela Corso

Joel Fagundes

Lena Kurtz

Márcio Carvalho

Margarita Kremer

Patricia Fossati Druck

Paula Ramos

Paulo Gomes

Paulo Roberto Sangoi

Renato Malcon - Presidente

Valpírio Monteiro

Vera Chaves Barcellos

Walter Karwatzki

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO RS - MACRS

Casa de Cultura Mario Quintana

Rua dos Andradas, 736

Porto Alegre/RS | CEP 90020-004

Fone: +55 51 3221 5900

macrs@sedac.rs.gov.br

www.macrs.blogspot.com.br



DEIXA ESTAR | CATÁLOGO
FICHA TÉCNICA

TEXTOS

André Venzon
Bianca Knaak

REVISÃO

Mariana Mesquita Gonzalez

PROJETO GRÁFICO

Sandro Ka

FOTOS

Santo Clic Fotografia Social | Págs: 02, 05,
06, 09 e 19 a 41
Sandro Ka | Págs: 10, 11, 14, 15 e 16
Acervo MACRS | Págs: 43 a 49

DEIXA ESTAR | EXPOSIÇÃO

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO RS
GALERIA SOTERO COSME
CASA DE CULTURA MARIO QUINTANA
De 09 de Julho a 11 de Agosto de 2013

CURADORIA

Bianca Knaak

MUSEOGRAFIA

André Venzon
Bianca Knaak
Sandro Ka

MONTAGEM E ILUMINAÇÃO

Felipe Schulte
Marcelo Chardosim
Tigo Weiler

PRODUÇÃO

MACRS
Sandro Ka

AGRADECIMENTOS

André Venzon e equipe MACRS, Nilton Gaffree Jr., Jusselia Bengert Lima, Barbara Lopes e equipe Brascril, Fabiano Panizzi e Isaias Mattos (Santo Clic Fotografia Social), Filipe Matzembacher, Márcio Reolon e João Gabriel de Queiroz (Avante Filmes), Mariana Mesquita Gonzalez e equipe SOMOS, Cássio Maffazzioli e Walter Karwatzki e Pinacoteca Municipal Aldo Locatelli (PMPA)

73(083.824)

K11d Ka, Sandro

Deixa estar / Sandro Ka ; curadoria Bianca Knaak. – Porto Alegre : Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul. – 52 p. : il. Color ; 21 cm. – ISBN 978-85-65581-01-1.

1. Arte contemporânea - Escultura - Brasil. I. Título. II. Knaak, Bianca.

CDD 730.22

Bibliotecário responsável: Nilton Gaffrée Jr. – CRB10/1258

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-65581-01-1



9 788565 581011

aamacrs
associação dos amigos do
museu de arte
contemporânea rs

macrs
museu de arte
contemporânea rs

21
anos

Secretaria da Cultura

